

## A BIBLIOTECA DO MANGUE

Não havia estante alguma além daquela inclinação do barranco, não havia tomo encadernado senão o lombo úmido do mangue, e o bibliotecário era a maré — zelosa, metódica, pontual como aqueles funcionários que carimbam o expediente com o mesmo gesto há décadas. Duas vezes por dia, que nem sinos, o sal enchia as prateleiras e reordenava as lombadas: apagava um parágrafo de nós, acrescentava uma errata de salitre, movia um índice de conchas de um capítulo a outro. Borges, velhinho e ácido, sorria dessa Babel anfíbia; já Foucault, paciente e irônico, pediria galochas: saber, afinal, também se cava com a planta do pé.

Os leitores chegavam descalços. Eram pescadores com lanterna na testa, crianças colecionadoras de tampinhas (palavras redondas), uma professora de geografia que vinha medir as páginas com régua e espanto. Quem lê, lê como pode: uns de um lado para o outro, como quem varre; outros em círculos, à caça de redundâncias; e havia aqueles que, abençoados, detinham a competência raríssima de ficar parados até o texto vir até eles, como uma arraia que emerge da página quando sente, do outro lado, a pupila dilatada. Entre esses, um senhor de chapéu panamá, que eu batizei de jurisconsulto das marés: ele não argumentava, coligia precedentes. “Veja”, dizia, “a trilha do caranguejo termina sempre onde o cimento da ponte começa; isso produz jurisprudência: quando termina o lodo, começa a pressa.” E piscava, satisfeito com sua súmula.

Eu, por minha vez, me dediquei ao depósito de notas de rodapé. Uma biblioteca inclinada precisa de rodapés firmes, senão escorrega. Escrevia comentários miúdos com um graveto — letras que a água lida ao contrário. “Aqui o vento anotou sem querer”, rabiscava, ao lado dos riscos dos capins. “Aqui, a moreia interpretou mal o autor.” “Aqui, o caranguejo citou uma fonte oral.” De vez em quando, alguém me contestava: “Mas isso é só lama!”, e eu respondia com a calma dos copistas — toda grande literatura começa com um borrão. O códice mais antigo do mundo terá sido um charco.

Era, contudo, uma biblioteca feita para o fracasso, como todas as boas bibliotecas. Sua promessa era maior do que a soma dos seus livros. Havia manhãs em que a maré baixa deixava à mostra um corredor perfeito, como se as prateleiras tivessem, por uma hora, decidido alinhar-se à métrica alexandrina; noutras, um vendaval fatiava as páginas em tiras e o que restava era um catálogo de ruídos: a sinfonia dos estalos, bolhas, roncos e chios que compõem a língua mineral do mangue. Eu me debruçava sobre essa música como quem recita Heráclito num bar sem luz. “Tudo flui”, dizia, “mas aqui o fluxo tem cheiro.”

Sei que o leitor urbano, este leitor que vive em apartamentos catalogados por síndicos, poderá dizer que projetos assim servem apenas para a melancolia. Talvez. Mas a melancolia, quando bem alinhada, também é uma forma de arrumar livros. Proust a encadernou em sete volumes; nós a encadernamos numa tarde de céu baixo, fivela de siri e chuva prometida. A diferença é que, na nossa edição, não há capa dura. O que cobre as páginas é um céu que às vezes desce demais.

Essa tarde decisiva aconteceu quando a maré, numa dessas suas revisões editoriais, devolveu um objeto estranho: uma tampa de caixa d'água com marcas de facão. O juriconsulto das marés arregalou um olho, a professora sacou o celular, as crianças fizeram silêncio. Não era lixo, era ex-livro. A superfície plástica guardava sulcos que, examinados com inclinação suficiente — e uma ponta de superstição —, revelavam uma breve narrativa sobre um povo que aprendera a anotar as chuvas no que tivesse à mão: um calendário hidráulico, escrito com raiva, fome e sobrevivência. O mangue, editor severo, o escondera por um tempo e agora o devolvia, como quem diz: “Vejam, o capítulo esquecido chegou ao cais.”

Eu tinha vontade de levar aquilo para casa, secar, reperguntar, musealizar. Mas alguma coisa na etiqueta silenciosa da biblioteca me conteve. Um bibliotecário razoável sabe que o empréstimo só faz sentido quando o leitor devolve mais do que levou. Não era o caso — eu não devolveria maré depois. Deixamos, pois, a tampa onde a encontramos. A professora fotografou e, na legenda, escreveu de modo comovidamente simples: “Catálogo em curso.” Nunca mais esqueci a aula.

Enquanto o sol caía de lado, oblíquo como régua esquecida, os frequentadores da biblioteca inclinada formaram um clube. Não daqueles com ata e presidente, mas dos que reconhecem no outro a mesma sombra de perplexidade. A professora passou a trazer mapas velhos e compará-los com as correntes; o juriconsulto, recortes de jornal onde acidentes de percurso ganham a nobreza do precedente; as crianças, ávidas, uma taxonomia de tampinhas: raríssimas, comuns, comestíveis (não eram), brilhantes, românticas, francófonas. Eu, que nada sabia, tomava nota. Montaigne teria aprovado: ensaio é caminhar e pensar em voz baixa, com o dedo sujo de tinta — ou de sal.

Havia também os que vinham pedir conselhos. Um rapaz desejava decidir entre a cidade e o estuário: “Aqui tudo é lama”, dizia. “Lá tudo é concreto.” Respondi-lhe que ambos são formas de memorizar a água — uma lhe dá passagens, outra, paredes. Depende da biblioteca que você está disposto a ler. Uma moça, poeta debutante, queria saber se devia publicar um livro sobre caranguejos. Disse-lhe que livros sobre caranguejos o mar já faz, mas livros onde os caranguejos participam da discussão editorial ainda faltam. Ela riu; voltou no dia seguinte com um poema em que as patas carimbavam fichas, e eu lhe dei um título: “Secretaria de Marés”.

Entre marés, o catálogo mudava, é verdade, mas algo sob o catálogo permanecia. Não se trata de essência — desconfio das essências como quem desconfia de videntes —, trata-se antes daquele peso que as coisas adquirem quando repetidas com amor: a colher que mexe o mesmo café, a esquina que recua para nos deixar passar, a palavra que volta e, por voltar, vira casa. A biblioteca inclinada ensinava isso: que toda leitura é uma forma de retorno; e que, no retorno, descobrimos o ângulo que faltava. A inclinação, afinal, não era defeito do terreno: era método.

Às vezes penso que, se um dia a maré se cansar — se resolver aderir a um expediente único ou decretar férias remuneradas —, caberá a nós, leitores, bater o ponto da água. Faremos o que os antigos faziam quando o oráculo entrava em greve: passaremos a ouvir as pedras. Colocaremos a orelha sobre o cascalho, mediremos a respiração do limo, esperaremos que a moreia, em sua caligrafia paciente, nos dite um adjetivo novo para “úmido”. E, à hora combinada, abriremos as portas da biblioteca como quem abre a própria boca para contar um caso antigo.

Escrevo estas linhas com os pés ainda sujos, o que me parece justo. Não há crítica literária que dispense a sola; não há filosofia do arquivo que sobreviva à ausência de poças. A cena final não é grandiosa: é só um senhor pobremente alto, equilibrando-se num tronco, tentando ler o que o vento escreveu ao arrastar capins por sobre a lama. Ele não entende tudo, claro; quem entenderia? Mas anota o que pode. E, quando lhe perguntam o que faz, responde, sem jamais levantar a vista: “Estou consultando o catálogo de hoje.” Amanhã, haverá outro. E, se a sorte nos acompanhar, inclinaremos o corpo na direção certa para que as páginas, a despeito do sal, permaneçam legíveis.